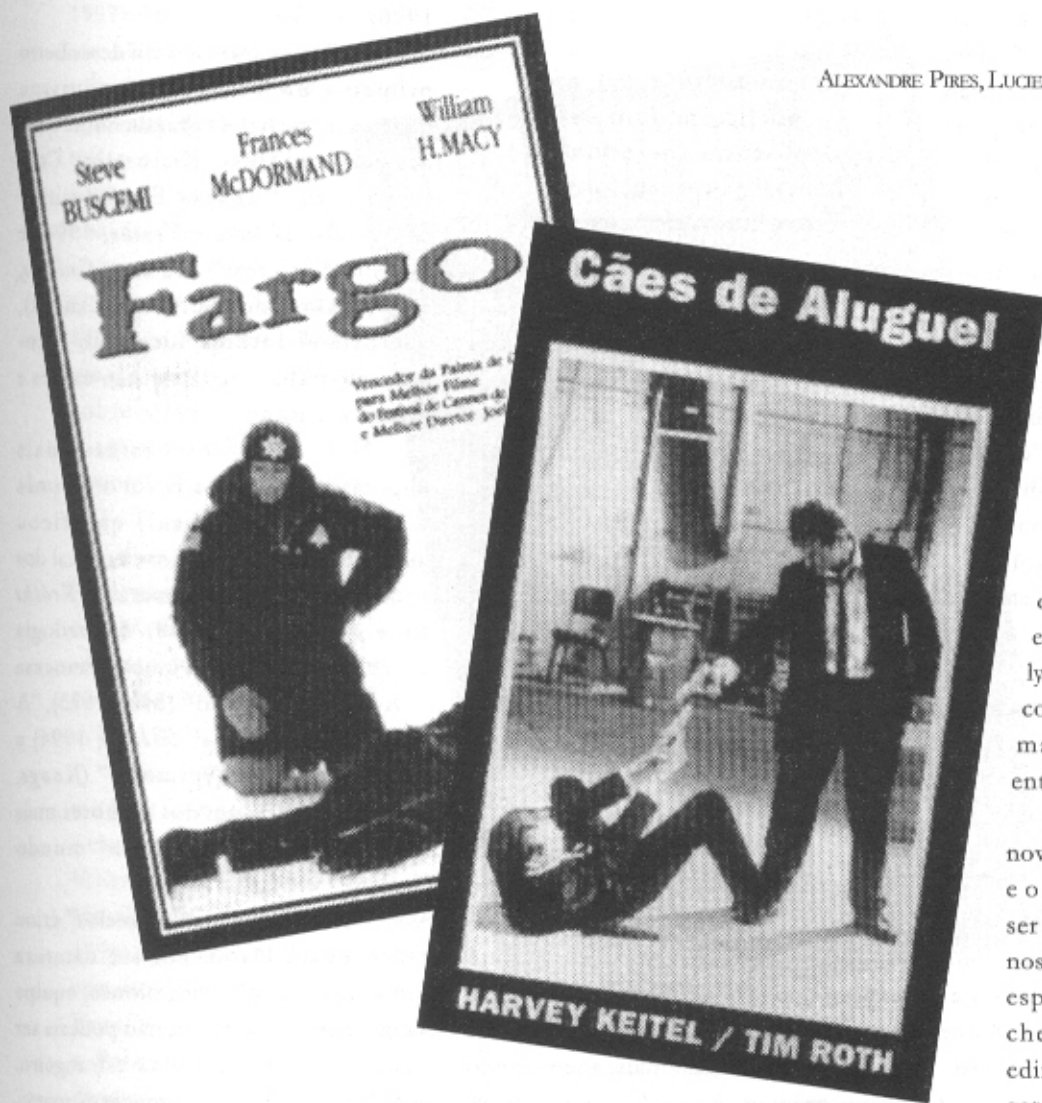


# O cinema dos anos 90 FILMES E TENDÊNCIAS QUE MARCARAM A DÉCADA

ALEXANDRE PIRES, LUCIEN BINES, SUIJANNE LAVOR E TATIANA NOVÁS



**E**m 1995 o cinema fez 100 anos. Em meio às comemorações, alguns lamentavam o rumo que a Sétima Arte tomava e até profetizavam sua morte. Para essas pessoas, o cinema se transformou em indústria na qual não há espaço para experimentações ou para o cinema de autor.

Hollywood teria viciado o público em uma fórmula que inclui violência e sexo embalados em um show de pirotecnia tecnológica. Generalizações à parte, o cinema dos anos 90 privilegia

os efeitos especiais e recursos da computação gráfica em detrimento do roteiro.

Steven Spielberg é considerado o inventor do *blockbuster* (o 'arrasa-quarteirão'), que custa milhões de dólares e rende muito mais. O conceito foi criado para "Tubarão" (*Jaws*, 1975) e pode ser aplicado a quase todos os seus filmes. Sua carreira é uma história de sucessos desde que ele estreou como diretor de longa-metragens, em 1971, com "Encurralado" (*Duel*).

Nos anos 90, Spielberg desponta

como um dos cineastas mais importantes da década cuja influência vai muito além do sucesso de seus próprios filmes. Estima-se, hoje, que um filme precisa render o triplo do seu custo para ser considerado lucrativo. A busca desesperada dos principais estúdios pelo próximo grande *blockbuster*, a quantidade impressionante de superproduções cheias de efeitos especiais, é também um eco da Hollywood dos anos 50, quando a televisão começou a ameaçar o reinado do cinema como a fonte número um de entretenimento.

Foi a época dos grandes épicos e novas tecnologias como o Cinemascope e o som estereofônico. Spielberg pode ser visto como o Cecil B. de Mille da nossa época, lembrando o diretor que se especializou em épicos grandiosos, cheios de figurantes e com finais edificantes. Como produtor, Spielberg garante o sucesso dos filmes que tenham o seu nome nos créditos. Ele é o precursor de uma tendência bastante curiosa: o produtor, mesmo de nome desconhecido, é usado como uma estrela para atrair o público. "Dos mesmos produtores de..." é uma frase cada vez mais comum nos anúncios de filmes.

Quarenta anos depois, a televisão continua sendo uma ameaça, com cada vez mais opções de canais a cabo – onde, ironicamente, o cinema costuma ser uma das principais atrações. O público está cada vez mais saturado de imagens e mais difícil de ser surpreendido. Diante

disso, parece natural que se recorra com mais frequência às maravilhas da tecnologia da computação gráfica para criar cenas mirabolantes. Criar uma história que justifique estes efeitos virou um detalhe quase insignificante.

O custo dos filmes em Hollywood chegou a tal ponto que os estúdios não estão mais dispostos a correr riscos. Diante da cautela dos estúdios e da crise na criatividade o que se tem são refilmagens e seqüências dos filmes que fizeram sucesso. Se um filme sobre uma invasão extra-terrestre foi bem-sucedido, pode apostar que vêm outros por aí. Prova disso é a volta do cinema-catástrofe desencadeada por "Twister" (1996) e dos filmes de terror por "Pânico" (*Scream*, 1996).

A energia criativa do cinema americano, hoje, não depende dos grandes estúdios. Ela é fruto dos chamados cineastas independentes, que não se submetem ou não conseguem ingressar no *mainstream*. A força dos independentes fica evidente nas últimas cerimônias do Oscar nas quais eles têm sido maioria.

### Sucesso dos Independentes

Os cineastas independentes sempre existiram. Porém, só na última década é que eles se estabeleceram como um fenômeno notável. O Festival de Cannes, sempre um termômetro interessante do que está acontecendo no cinema, foi o que começou a colocar em evidência cineastas como Steve Soderbergh – Palma de Ouro por "Sexo, Mentiras e Videotape" (*Sex, Lies and Videotape*, 1989) –, David Lynch – o mesmo prêmio por "Coração Selvagem" (*Wild at Heart*, 1990) – e os irmãos Joel e Ethan Coen – outra Palma por "Barton Fink" (1991).

No entanto, quem deu o pontapé definitivo para levar o cinema independente americano para além do circuito cult e passá-lo para o grande circuito foi Quentin Tarantino, com "Cães de aluguel" (*Reservoir Dogs*, 1992) e principalmente "Pulp Fiction – Tempo de Violência" (*Pulp Fiction*, 1994).

Tarantino começou a ser aclamado por "Cães de aluguel", seu primeiro filme, e por roteiros seus filmados por outros diretores, como "Amor à Queima-Roupa" (*True Romance*, 1993), de Tony Scott e "Assassinos por Natureza" (*Natural Born Killers*, 1994), de Oliver Stone. Sua obsessão pela violência, pelos anti-heróis e pelos diálogos ágeis e divertidos que comentam a cultura pop criaram um subgênero.

### O cinema oriental, em particular, tem se destacado em todos os festivais internacionais, acumulando vários prêmios.

Tarantino também tornou seu rosto famoso ao fazer pontas como ator em filmes seus e de outros cineastas. "Pulp Fiction", além de ganhar uma previsível Palma de Ouro em Cannes, faturou um Oscar de roteiro original e era um dos favoritos ao prêmio principal (que foi para "Forrest Gump", de Robert Zemeckis). O filme foi um sucesso estrondoso no mundo inteiro e transformou Tarantino em ídolo pop, adorado por adolescentes.

### A descoberta do Novo Mundo

Apesar do domínio do cinema americano em todo o mundo, o cinema nacional obteve conquistas, revelando e até exportando talentos. O cinema oriental, em particular, tem se destacado em todos os festivais internacionais, acumulando vários prêmios. A lentidão característica e o uso de planos longos diferem da tendência do cinema atual, o que é um alívio para o espectador saturado pela estética de video-clip.

O começo da década viu despontar nomes como o chinês Zhang Yimou, que com a extrema plasticidade de "Amor e Sedução" (*Ju Dou*, 1990), "Lanternas Vermelhas" (*Da Hong Deng Long Gao Gao Gua*, 1991) e "Viver" (*Huozebe*, 1994), entre outros, conquistou platéias ocidentais e revelou sua musa Gong Li enquanto lutava contra a censura em seu próprio país.

De Taiwan saiu Ang Lee, que após o grande sucesso de "O Banquete de Casamento" (*Hsi Ye n*, 1993) e "Comer, Beber, Viver" (*Yinshi Nan Nu*, 1994), se aventurou pela Inglaterra de Jane Austen com "Razão e Sensibilidade" (*Sense and Sensibility*, 1995, Oscar de melhor roteiro para Emma Thompson) e pela América dos anos 70 com "Tempestade de Gelo" (*Ice Storm*, 1996).

O cinema iraniano foi descoberto primeiro na França e conquistou platéias no Brasil. O grande nome a ser destacado é Abbas Kiarostami. Com filmes como "Através das Oliveiras" (*Zhire Darakhatan Zeyton*, 1994) e "Gosto de Cereja" (*Ta'm e Guilast*, 1997, Palma de Ouro em Cannes), Kiarostami retoma ideais do Neorealismo italiano ao usar não-atores e cenários naturais.

Um dos cineastas mais importantes da década foi o polonês Krzysztof Kieslowski, que ficou internacionalmente famoso no final dos anos 80 com "Não Amarás" (*Krótki Film o Zabijaniu*, 1988). Sua trilogia sobre os ideais da Revolução Francesa – "A liberdade é Azul" (*Bleu*, 1993), "A Igualdade é Branca" (*Blanc*, 1994) e "A Fraternidade é Vermelha" (*Rouge*, 1994) – o tornou um dos diretores mais aclamados pela crítica no mundo inteiro.

"A fraternidade é vermelha" criou polêmica no Oscar. Por sua natureza internacional (diretor polonês, equipe suíça, dinheiro francês), não poderia ser indicado para melhor filme estrangeiro. A academia se recusou a mudar as regras, mas o sucesso dele foi tal que acabou sendo indicado aos prêmios de melhor filme – na categoria principal – roteiro original, diretor e fotografia. Kieslowski morreu em 1994, pouco tempo depois de declarar que estava deixando o cinema.

O cinema britânico tem mostrado um vigor que há muito lhe faltava. Entre a nova geração, um dos melhores é Danny Boyle. Ele foi revelado em "Cova Rasa" (*Shallow Grave*, 1994), um suspense que mistura um toque "hitchcockiano" à uma linguagem tipicamente

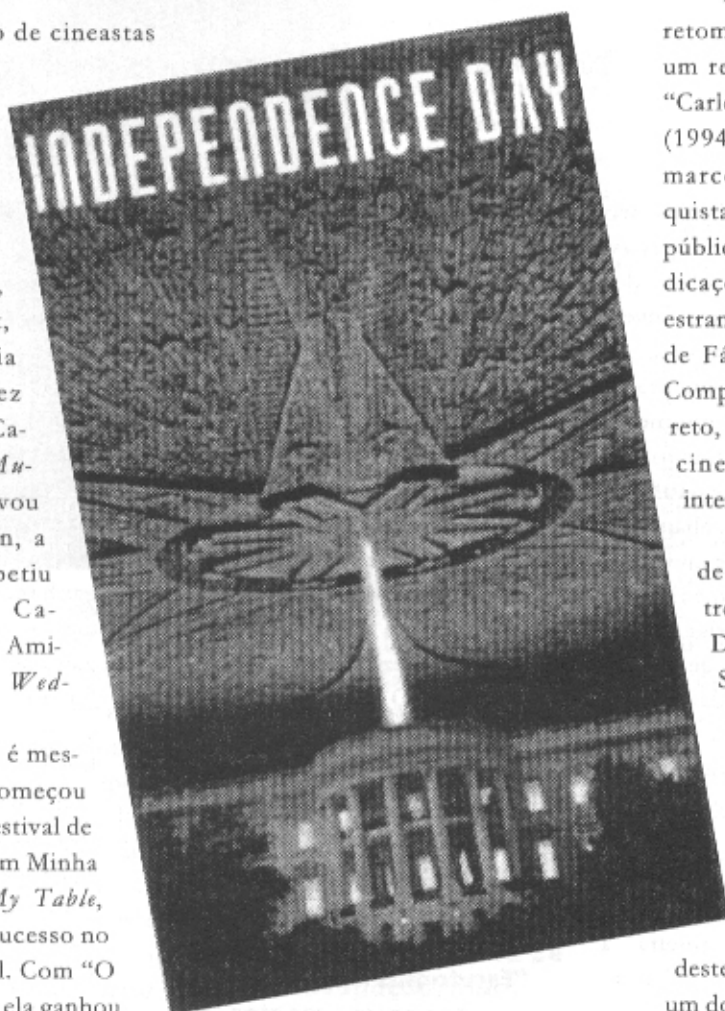
dos anos 90. O filme lhe valeu comparações a Quentin Tarantino. "Trainspotting" (1996) foi um marco ao usar um ritmo frenético para discutir um tema barra pesada, a dependência de heroína, sem moralismos. Sempre trabalhando com o roteirista John Hodge, Boyle não repetiu o sucesso de seus primeiros filmes ao fazer "Por uma Vida Menos Ordinária" (*A Life Less Ordinary*, 1997) em Hollywood.

Uma nova geração de cineastas talentosos também têm surgido na Austrália e na Nova Zelândia. "Priscilla, a Rainha do Deserto" (*The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert*, 1994), de Stephan Elliot, uma divertida comédia sobre drag queens, fez sucesso mundial. "O Casamento de Muriel" (*Muriel's Wedding*, 1994) levou seu diretor, P. J. Hogan, a Hollywood, onde ele repetiu o sucesso com "O Casamento do Meu Melhor Amigo" (*My Best Friend's Wedding*, 1997).

Mas o maior nome é mesmo Jane Campion. Ela começou a chamar a atenção no Festival de Veneza com "Um Anjo em Minha Mesa" (*An Angel at My Table*, 1990), que também fez sucesso no circuito de arte do Brasil. Com "O Piano" (*The Piano*, 1993) ela ganhou a Palma de Ouro em Cannes – dividida com "Adeus, Minha Concubina" (*Ba Wang Bu Ji*), de Chen Kaige – e ganhou os Oscar de melhor roteiro original, atriz (Holly Hunter) e atriz coadjuvante (a menina Anna Paquin). Campion foi a segunda mulher – após Lina Wertmüller, por "Pasqualino Sette Bellezze" (*Pasqualino Settebellezze*, 1976) – a ser indicada ao prêmio de direção.

O último Festival de Cannes divulgou para o resto do mundo um documento assinado pelos cineastas dinamarqueses, o Dogma 95. São regras que os diretores se comprometeram a

seguir, que os obriga, entre outras coisas, a filmar em vídeo, usar luz e cenários naturais, só usar música que faça parte da cena, não impor seu gosto pessoal e só fazer filmes passados no presente. Dois filmes que faziam parte do Dogma foram apresentados no Festival: "Festa de família" (*Festen*), de Thomas Vinterberg, e "Idiotas" (*Idioterne*), de Lars Von Trier.



**Aos poucos, o cinema brasileiro foi retomando o fôlego e dando sinais de um renascimento gradual, mas forte**

### **O renascimento do Cinema Nacional**

A história do cinema brasileiro é cheia de altos e baixos. Temos épocas de produção intensa, altamente criativa, e outras de crise. O período entre o final

dos anos 80 e o início dos 90 foi de crise, uma das piores já enfrentadas. A política cultural do governo Collor foi bastante destrutiva, chegando a acabar com a Embrafilme e a breca totalmente a produção cinematográfica. Com as novas leis de apoio à cultura criadas pelo governo de Itamar Franco, alguns projetos foram saindo do papel ou finalizados.

Aos poucos, o cinema brasileiro foi retomando o fôlego e dando sinais de um renascimento gradual, mas forte. "Carlota Joaquina, Princesa do Brasil" (1994), de Carla Camuratti, foi um marco deste período inicial, conquistando a crítica e reaproximando o público dos filmes brasileiros. As indicações ao Oscar de melhor filme estrangeiro para "O Quatrilho" (1995), de Fábio Barreto, e "O que é isso, Companheiro?" (1997), de Bruno Barreto, confirmaram a boa fase do nosso cinema, dando a ele visibilidade internacional.

Outro bom sinal é a diversidade de temas e gêneros, que variam entre a comédia urbana – "Pequeno Dicionário Amoroso" (1996), de Sandra Werneck, "O Homem Nu" (1996), de Hugo Carvana –, o policial – "Os Matadores" (1997), de Beto Brant – e a adaptação literária – "O Triste Fim de Policarpo Quaresma" (1998), de Paulo Thiago –, entre outros.

Talvez o filme-símbolo deste renascimento, já apontado como um dos melhores da história do cinema brasileiro, seja "Central do Brasil" (1998), de Walter Salles. O diretor já havia provado o seu talento em documentários e nos longas "A grande Arte" (1992) e "Terra Estrangeira" (1995), produzido em parceria com Daniela Thomas. "Central do Brasil" confirma Salles como um dos melhores cineastas da nova geração, fato atestado por um inédito Urso de Ouro no último Festival de Berlim. Central é um filme emocionante, arrebatador, que conquista platéias tão diversas quanto os alemães e os próprios brasileiros. Quem sabe o tão sonhado Oscar não vem agora? ◀